

LIBERDADE para as andorinhas. O Estado de São Paulo, São Paulo, 01 maio, 1973.

Liberdade para as andorinhas

"Sr. Redator:

Se as 30 mil (?) andorinhas de Jussara, no Paraná, entendessem a linguagem dos homens, no mesmo dia em que dali foram expulsas pelas autoridades municipais por imposição (?) do povo, teriam recebido ainda em pleno alvoroço de seu vôo desesperado, em busca do pouso roubado, milhares de mensagens de amor e solidariedade, convidando-as a pousar e morar na praça que escolhessem, de qualquer cidade brasileira. E não seria um convite de piedade, apenas, inteiramente desinteressado, primeiro porque as pessoas de sensibilidade estética se encantam com a beleza delicada desses pássaros de mansidão confiante, com a música de seu gorjeio e o espetáculo alegre de suas revoadas, e segundo, porque as andorinhas estão em primeiro lugar dentre todos os pássaros mais uteis que vivem junto ao homem. Vejamos o que diz o grande ornitólogo brasileiro, Eurico Santos, em seu livro "Pássaros do Brasil": "Em todos os tempos, os homens práticos e os poetas louvaram-lhes o préstimo e o encanto. Isaías, o profeta, já a elas se refere nas suas predições. Homero cita-as na Odisseia. Heródoto, Aristofanes, Marcial, Virgílio, Teócrito, Ovídio, não se esqueceram da filha de Pandião. Os gregos tinham-na como um elemento prestante no equilíbrio biológico, porque eram sabidamente uteis no combate aos insetos. Elas eram benquistas dos deuses Penates, e maltratá-las constituía, entre os romanos, ação reprovável e punível. Ainda hoje, em certas regiões da Europa, as andorinhas são aves quase sagradas. Chegam mesmo a supor que graves malefícios sofrerá quem lhes destruir os ninhos. Merecem, de fato, proteção e carinho essas criaturinhas que o destino ou uma fada benfazeja acumulou de virtudes. Quem estudar a psicologia dos hirundídeos sentirá logo grande desejo de amá-las. São exemplos vivos de mansidão, amor materno, fidelidade e benemerência. Reunem em si todas as virtudes que santificariam um ser humano". O eminente naturalista alemão, dr. Rodolpho von Ihering, o grande apaixonado de nossa flora e de nossa fauna, no seu "Dicionário dos Animais

do Brasil", editado pela Secretaria da Agricultura de São Paulo, conta que, "Sendo única e exclusivamente entomófagas — que só comem insetos — a andorinha precisa de 60 a 80 insetos para sua alimentação diária, e que, portanto, as 30 mil andorinhas de Campinas (que ele contou mediante simples multiplicação das ripas que ocupavam no mercado municipal), consumiam para mais de 2 milhões de insetos diariamente. Não foi à toa, portanto, que o então prefeito de Campinas, dr. Heitor Penteado, numa demonstração de cultura e bons sentimentos, ainda mandou reformar e adaptar o velho mercado para que as andorinhas ali ficassem melhor protegidas e agasalhadas. Em Teresópolis — narra A. Abendroth na revista n.º 3 da Sociedade Geográfica Brasileira — uma família paulista, habituada a passar os fins de semana da serra, deixou de acender a lareira, enfrentando sem proteção os rigores do inverno na região, só para não espantar os tape-rás — uma espécie de andorinha — que à noite se abrigavam na chaminé. A Compton's Encyclopedia — enciclopédia americana — diz que a família das andorinhas — representada por mais de 200 espécies (14 das quais, no Brasil, segundo von Ihering) é, por sua utilidade, conhecida e amada em todo o mundo. "Se voce é perturbado por moscas e pernilongos — aconselha a publicação — ponha um "martin house" — uma espécie de andorinha — junto à porta de sua casa, e ficará logo livre dessas pragas". Está claro, pois, que a expulsão das andorinhas de Jussara não só privou o povo da cidade da sombra das árvores, como irá, inversamente do que esperam, contribuir para o seu maior desconforto com a proliferação das pragas de que se alimentavam as gulosas avesinhas. E esses atentos irão continuar neste imenso Brasil, até que uma campanha educativa, de âmbito nacional, feita por homens de propaganda, e a começar nas escolas primárias, esclareça o povo e crie uma nova consciência sobre os fatos da ecologia. Até lá, porém, nada mais exista a conservar". **Jair Gonzaga de Vasconcelles**, Guarulhos.